

SÍVERES, Luiz. Encontros e diálogos: pedagogia da presença, proximidade e partida. Brasília: Liber Livro, 2015. 208 p. ISBN: 978-85-7963-136-8

RESENHA

Thomaz de Oliveira Gomes ¹

O livro **Encontros e diálogos: pedagogia da presença, proximidade e partida**, escrito pelo professor universitário, Pós-doutor em Educação e Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Luis Síveres, busca discorrer acerca do processo de interação entre educando e educador, e de formação desse profissional ao longo do processo dialógico em que deve consistir o ensino. O autor constrói sua argumentação sobre os pilares do pressuposto dialogal e da pedagogia da presença, da proximidade e da partida.

Ao longo do primeiro capítulo, é definido o conceito do pressuposto dialogal, ponto chave da argumentação, o qual é caracterizado como: “elemento essencial da condição humana, do processo de construção do conhecimento e do projeto educativo” (SÍVERES, 2015, p. 25). De acordo com o autor, o diálogo é ponto fundamental para a construção do conhecimento a partir da interação humana, posto que é gerador das relações humanas.

Segundo ele, a partir do diálogo, o ser humano seria capaz de iniciar o processo da criação. O comunicar entre si possibilitaria a interação e a propulsão para o processo criativo, fazer como Deus, segundo Jo (1,14), de forma que o “Verbo se fez carne e habitou entre nós”, ao referenciar o Gênesis cristão. O diálogo propiciaria, também, o pensamento, a metacognição, de forma que o ser humano reflita e discuta sobre o que o rodeia e sobre o próprio fazer reflexivo. O autor refere-se à prática filosófica executada por Sócrates, que trabalhava com seus alunos o método maiêutico, o qual requer uma dinâmica de questionamentos e de respostas. O diálogo proporcionaria, ainda, a possibilidade da aproximação entre os seres humanos, seres que possuem linguagem e são, portanto, seres de conversação, segundo Gadamer. A interação inter-humana, a partir do diálogo, estreitaria os laços sociais e possibilitaria uma realização mais plena da relação com o outro.

No ambiente escolar, que, segundo Síveres, possui ainda como prática, predominantemente, o monólogo, o diálogo possibilitaria a circularidade do discurso, de forma a abordar uma finalidade conjunta entre aquele que ensina e aquele que aprende. Ainda, por permitir a circulação do discurso,

¹ Graduando em Letras pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Coração Eucarístico. Estagiário da Pró-reitoria de Extensão da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. E-mail: thomazogomes@gmail.com.

expandiria o olhar dos interlocutores sobre a realidade e os conhecimentos sobre as diversas ciências, sendo contribuinte para a tomada de consciência sobre a realidade. A ética se comportaria como elemento essencial da dinâmica dialogal visto que ofereceria condições para “o acolhimento e o reconhecimento do outro” (SÍVERES, 2015, p. 33). O diálogo seria recomendável para a compreensão da realidade, de forma que propicie uma construção digna das estruturas sociais humanas, visto que se constituiria, nessa dimensão, em “um discurso entre a identidade e a diferença que aponta para novas sínteses e uma passagem para as significações e os sentidos num projeto sempre aberto”. (SÍVERES, 2015, p. 34).

Idealmente, iniciado por “processos de contração e abertura”, através dos quais a harmonização de ideologias se tornaria possível, passando de estruturas de compreensão rígidas para mais fluidas e flexíveis, a mediação do diálogo ocorreria, dentre outras possibilidades, segundo as dimensões antropológica e epistemológica. Essas são baseadas nos entendimentos do filósofo austríaco Martin Buber, que define o princípio dialógico como “uma abertura relacional que se exercita no cotidiano da vida”, na qual a “reflexão partiria da experiência para se transformar num princípio ontológico e não o inverso.” (BUBER, ano, *apud* SÍVERES, 2015, p.40).

Buber apresenta duas formas nas quais a condição humana se estruturaria: Eu-Tu e Eu-Isso, que revelariam as dimensões com as quais o ser humano configura suas relações e seus entendimentos sobre as mesmas. Segundo Síveres: “a relação Eu-Tu só ocorre no encontro, na relação e no diálogo, enquanto a relação Eu-Isso ocorre na apropriação, na conexão e na unidirecionalidade.” (SÍVERES, 2015, p. 41). Princípios fundamentais para o diálogo, segundo Buber, seriam o encontro (*Begegnung*) e o desencontro (*Vergegnung*).

Nesse contexto, a contraposição dos dois princípios corroboraria o entendimento das relações humanas: o encontro se ocuparia das relações *entre* os seres, sendo essa a condição ontológica do diálogo, permitindo um entendimento além da simples relação Eu-Tu. Essa relação teria direcionamentos que apontam para os próprios indivíduos e para a formação de suas comunidades, seria a partir de uma relação com o Tu que o ser humano se realizaria e se criaria *ser-com*. A comunidade seria, então, a manifestação da relação inter-humana, do diálogo e dos encontros com o outro. O diálogo se configuraria, também, como uma possibilidade de criação, visto que “somos criados um com o outro, (...) como humanidade” (SÍVERES, 2015, p. 47) e o ato de criação é intrínseco à condição humana.

Síveres traz à discussão o princípio da dimensão epistemológica, baseando-se em Boaventura Santos, e propõe que, além da visão objetiva, explicativa e nomotética, deveria levar-se em conta uma abordagem intersubjetiva, descritiva e compreensiva, compreendendo um *continuum*, um diálogo entre as distintas formas de construção do conhecimento. Santos (2010) critica a ação

prepotente do cientista que consideraria sua forma de atuação como a única possível ou como a de mais valia para a construção do conhecimento, ao invés de uma forma dialogal entre as maneiras de experimentar as realidades. Segundo essa visão, o importante seria a relação estabelecida entre as modalidades de construção de conhecimentos, com cinco ecologias recomendadas por Santos: “de saberes, da temporalidade, do reconhecimento, das transescalas e da produtividade.” (SANTOS, ano, apud SIVERES, 2015, p. 53).

Segundo Síveres: “toda a ignorância pode ser manifestação de alguma sabedoria, como todo saber pode ser a ignorância de algo ainda não sabido” (SÍVERES, 2015, p. 53), assim, o diálogo, como ecologia dos saberes, relaciona-se com todas as formas de construção de saberes, independentemente dos valores em cima desses construídos, pois fazem parte da expressão cultural. No entanto, o saber científico, dentro dos muros dos ambientes acadêmicos, predominaria sobre as demais formas de saberes, desqualificando-as por não se adequarem ao método de estudo, e a disponibilização daqueles conhecimentos não seria direcionada para todos, apenas a um seletivo e privilegiado grupo.

O ambiente educativo não estaria distante dessa sobreposição do conhecimento científico sobre os demais, apesar de estar repleto de experiências e de expressões culturais diversas. O diálogo, então, propiciaria “a condição de reconhecimento dos distintos sujeitos e das diversas experiências, das formas e modos de produção, dos sistemas e grupos de classificação social, dos modelos e projetos de democracia, dos tipos e categorias de informação e comunicação.” (SÍVERES, 2015, p. 55). O relacionamento dos diferentes conhecimentos, independentemente de suas formas de construção, seria pautado e expandido pelo princípio do diálogo igual entre as partes envolvidas.

Síveres, por fim, define a ação dialógica no espaço educativo:

O diálogo, como problematização no espaço educativo, possibilita o encontro das pessoas para pronunciar o mundo como compreensão e transformação. Isso demanda um procedimento adequado para formular as perguntas, conhecer as respostas que já foram dadas a esses questionamentos e saber que as respostas não estão prontas e que não estão todas dadas. Considerando essas abordagens, é possível afirmar que a pergunta é um exercício favorável ao pensamento, melhor dizendo, problematizar ajuda a pensar. Portanto, no exercício de problematizar, não se está colocando obstáculos, mas buscando o autoconhecimento, os conhecimentos e os reconhecimentos. (SIVERES, 2015, p. 61).

Tal afirmação reflete o caráter aproximador do diálogo, com o qual não se busca um fim, mas a construção da relação inter-humana durante o processo dialogal, que, segundo Síveres, seria entendido como “um procedimento de autonomia e a educação como um processo de formação do

educando e do educador” (SÍVERES, 2015, p. 74), durante o qual os envolvidos construiriam uns nos outros e em si mesmos o respeito pela realidade do outro.

No segundo capítulo, o autor discorre acerca dos conceitos que envolvem a pedagogia da presença, da proximidade e da partida, dentro dos eixos antropológico, epistemológico e pedagógico.

A pedagogia da presença se constituiria como interação próxima entre os seres, no se fazer presente durante o processo dialógico. Síveres se utiliza dos conceitos trazidos por Martin Buber e nos entendimentos das ciências teológicas para a construção de sua argumentação. O projeto filosófico de Heidegger, com a terminologia do *Desein*, ao caracterizar a presença, expandida na forma *Da-sein*, tratando-se da pré-sença. O pensamento heideggeriano, no qual o entendimento da construção conjunta do conhecimento partiria do ser (*sum*) para ocorrer, como consequência, o pensamento (*cogito*), é foco do autor para a formalização do processo dialógico pedagógico da presença. A pedagogia da presença abarcaria os legados do passado e as projeções para o futuro.

Síveres utiliza da prática grega para a compreensão da temporalidade com a definição da cronologia (*kronos*) e da oportunidade (*kairós*). Além dessa, é utilizada a categoria do *aion*, de Gilles Deleuze que se “identifica com um jogo em que se envolve o abraçar e o embrasar.” (SÍVERES, 2015, p. 85). Basarab Nicolescu, filósofo francês, contribui com a definição de momento presente, que Síveres aborda em sua dimensão transcultural.

A presença antropológica é caracterizada, primeiramente, pelo entendimento de Albert Camus, com a qual explora a capacidade do ser humano de realizar, através da presença-presente, parte fundamental do processo da aprendizagem. Passagens de Marcel Mauss são utilizadas de forma a reforçar o que é trazido de Camus. Síveres, para a definição da construção dos saberes durante a metodologia da presença, traz os ditos de Gerd Borhneim, que qualifica que “todo Saber é um presente que se conquista na paciência, isto é, um presente que encontra sua raiz na presença, no ser presente” (BORNHEIM, ANO, *apud* SÍVERES, 2015, p. 88) e Paulo Freire que aponta que “o sujeito que, ensinando, aprende e o sujeito que, aprendendo, ensina” (FREIRE, ANO, *apud* SÍVERES, 2015, p. 98).

Ao definir a pedagogia da proximidade, afirma que esta é desenvolvida nas possibilidades de ser, de saber e de vivenciar a aproximação. Síveres aborda o tema desde relações vicinais entre famílias, chegando aos ambientes de trabalho e educacionais, com a definição que Joaquín Roca, Emmanuel Levinas e Paulo Freire dão para a proximidade. Tratando da proximidade antropológica, referente à necessidade humana da interação e da aproximação ao outro, Síveres trabalha com as definições de Jaime Zitkoski, Freire e Paulo Péricé para o tratamento do ambiente social e ético e de Levinas para a construção da identidade individual frente e com o outro.

Durante o trabalho com a proximidade epistemológica, caracterizada como “a proximidade que se pode estabelecer com os conhecimentos” (SÍVERES, 2015, p. 114), o autor utiliza a origem do termo grego *philo-sophia*, a “Parábola do bom samaritano” e dos entendimentos do filósofo italiano Giorgio Colli para a definição de sua abordagem e o contraste entre razão (*lógos*) e emoção (*páthos*), no percurso epistemológico. Acerca da sensibilidade aplicada à proximidade epistemológica, os trabalhos de Hamilton Werneck e Paul Ricoeur sobre o tema embasam o entendimento da atuação humana.

Acerca da proximidade pedagógica, Síveres a trabalha seguindo os princípios do cuidado, da responsabilidade e da transparência, que, apesar de serem apresentados independentemente, comporiam uma dinâmica integradora de proximidade. A teoria de Martin Heidegger sobre a característica da cura e a de Charles Taylor, que trata da dimensão da autenticidade, são utilizadas para introduzir o tema, já o chamado à proximidade é corroborado por citações à Roberto Mancini.

Nesse capítulo são tratadas, também, a responsabilidade pelo outro e o autorreconhecimento com uma visão de alteridade.

A pedagogia da partida é caracterizada como “uma dinâmica essencial da característica humana”, assim como a da presença e a da proximidade. As experiências filosóficas gregas são as precursoras do tema, visto que, segundo Síveres, elas teriam se expandido ao redor do globo. O estudo acerca do conhecimento teológico dá prosseguimento à temática, explorando o **Livro do Êxodo** e os ditos de Luís Carlos Dalla Rosa, Max Weber e Alexis Tocqueville, sobre os temas da identidade, das relações humanas e do autoaprisionamento emocional, respectivamente.

Ao adentrar o tema da educação sob a visão da pedagogia da partida, Síveres lança mão de discussões de Jaime Zitkoski e de Paulo Freire, de forma a retomar o processo da relação dialógica entre professor e aluno. Acerca da partida epistemológica, o autor busca refletir sobre a construção do conhecimento dentro de um processo dinâmico, nos âmbitos da particularidade, universalidade e transcendência.

A partida pedagógica é compreendida como desvelamento, esperança e como utopia. O primeiro é explorado sob um ponto de vista histórico, geopolítico, cultural e social e requer, consoante Freire, uma abertura para o outro, que revela “uma partida dialogal importante para desvelar o processo pedagógico.” (SÍVERES, 2015, p. 145). O segundo se vivenciaria como “uma atitude passiva e indiferente, mas pela disposição de alcançar o futuro como uma aventura que se realiza de forma individual e coletiva” (*op.cit.*, p. 146), compreendendo a esperança como intrínseca ao humano, necessária para o processo dialógico. O terceiro é caracterizado como ponto chave para a criação de um objetivo educacional, mas sem se esgotar no / pelo processo. Por fim, o autor caracteriza o processo educacional, com base na pedagogia da presença, da proximidade e da

partida e afirma que esta se caracteriza como “um caminho do qual os sujeitos, os processos e as finalidades educativas participam, propiciando as diretrizes de um projeto de formação de professores.” (*op.cit.*, p. 152).

O terceiro capítulo possui como temática o projeto de formação de professores. Esse é tratado como o encontro e o processo dialogal entre a formação humana, a capacitação profissional e a missão pedagógica e é pautado na pedagogia da presença, da proximidade e da partida. Para tanto, é delineado um panorama acerca do cenário atual das condições sociais do profissional educador.

A proposta da educação continuada é abarcada por Teresinha Rios, que estabelece princípios, processos e políticas de formação de professores. Maurice Tardif contribui com uma forma de se pensar a formação do professor e suas experiências práticas durante o exercício do magistério. Síveres utiliza os conceitos trazidos por Hans-Georf Gadamer para analisar como aperfeiçoar as habilidades do professor durante sua formação de forma reflexiva.

O primeiro ponto aduzido por Síveres, dentro dessa temática, é a formação humana do professor numa dimensão antropológica. Paulo Freire é novamente grande expoente na argumentação do autor, para o entendimento do trabalho e da importância social do professor, e Émile Durkheim, para a compreensão da própria educação e sua relação com o professor.

O conceito da vocação é explorado por Síveres, aliado à qualificação dada por Buber e ao debate do exercício político de Max Weber, de forma a se compreender sua influência para a formação do ser humano como profissional imerso nas atividades educacionais. A vocação é qualificada por meio da emancipação pessoal e adesão profissional de forma a responder à própria vontade do indivíduo de se construir como educador.

Primeiramente, a vocação é explorada como chamamento. Síveres explora as implicações da construção da palavra vocação, segundo Heidegger, de forma a revela-la como um chamado, um convite ao exercício da profissão. Posteriormente, o âmbito da vocação como pensamento é trago, baseando-se na argumentação de Immanuel Kant, caracterizando o pensamento como característica própria do ser humano e “uma das atividades mais reconhecidas no exercício da docência”, reconhecendo o ser humano com ser do pensamento. Síveres trás a necessidade de se estabelecer um diálogo entre a imanência e a transcendência dentro do exercício do pensamento, a vocação do ser humano “é humanizar-se e contribuir para que a humanidade se humanize.” (SÍVERES, 2015, p. 160).

O autor expande a argumentação da vocação para a convocação, visto que “a vocação é sempre uma relação dialógica, e nessa abordagem pode se incorporar uma dinâmica que determina uma con-vocação” (SÍVERES, 2015, p. 161). A convocação no processo formativo é

compreendida como originalidade, pluriversalidade e como opção por uma causa. Sob a luz de Heidegger, há uma dinâmica no processo educativo que se renova, e renova os seres envolvidos, constantemente, visto que o educador lida com seres e realidades diferentes em cada ambiente em que atua, o que denota, também, seu caráter pluriversal.

Síveres caracteriza que o processo formativo do professor compreende a provocação e a aborda nas facetas de desafio, interatividade e como tencionamento. O profissional docente teria como desafio provocar o discente para aliar-se ao percurso do ensino, não de forma isolada, mas de forma conjunta, numa relação de tensionamento, de forma a projetar os envolvidos para frente, para o novo, de forma a indiciar um horizonte utópico.

A competência técnica do profissional é tratada em sua capacitação profissional, em sua qualificação e da informação. Síveres reflete sobre a necessidade de incorporar a relação com o conhecimento com a abordagem da condição humana, unindo ser com saber. O tema aborda não apenas a importância do aperfeiçoamento das habilidades práticas do professor, mas também suas habilidades sociais dentro do ambiente educativo. Para tanto, busca solo na história da educação, desde a filosofia grega com Platão, Jean-Jaques Rousseau, Anísio Teixeira, Fernando Cabral Pinto e Antônio Joaquim Severino, além da legislação brasileira, Buber e Freire, de forma a compreender os valores que desencadeiam o bom (técnica), o bem (ética) e o belo (estética) no processo formativo do educador.

A experiência ética é ponto fundamental da argumentação de Síveres, que a compreende como “uma força em meio às fragilidades e como um sentido para a história, principalmente em meio aos colapsos da civilização” (*op.cit.*, p. 172), envolvendo o jeito de ser, de viver e de conviver.

Por fim, Síveres trabalha a missão pedagógica, compreendida sobre as abordagens antropológica, epistemológica e pedagógica, envolvendo ser, saber e agir respectivamente, sobre as temáticas da presença, da proximidade e da partida, tratadas, respectivamente, no primeiro e segundo capítulos do livro. O autor considera, à luz dessa temática, impossível compreender o processo da formação de professores apenas como um simples treinamento para a transferência de informações, instrumentalidade de tecnologias, ou exercício de metodologias; tal processo precisa formar, pondera, um profissional que compreenda as dimensões múltiplas de seu trabalho como educador e como ser social através do diálogo.

Vale a pena ler a obra, visto que se trata de uma grande contribuição para o entendimento e o trabalho sobre a formação social e profissional dos futuros educadores, tanto dentro como fora de sala de aula, por abordar a construção do conhecimento e da relação entre educador e educando.